

Pesquisa (auto) biográfica em educação inclusiva e a nona arte: caminhos (in) explorados

(Auto) biographical research in inclusive education and the ninth art: (un) explored paths

Adonis da Silva Tomé¹
Ida Carneiro Martins²
Ecleide Cunico Furlanetto³

Resumo: A pesquisa (auto)biográfica em educação tem se sustentado epistemológica e metodologicamente, utilizando-se de materiais biográficos secundários, pois as narrativas estão presentes nestes materiais de forma trans-histórica e transcultural. Sendo assim, as histórias em quadrinhos (HQs), configuram este tipo de material na pesquisa (auto)biográfica em educação, quando revelam narrativas de sujeitos biográficos. Nesse contexto, realizou-se o levantamento de pesquisas em educação inclusiva que se valeram da (auto)biografia em HQs, nos últimos cinco anos (2017-2022), intencionando um breve diálogo epistemológico entre a nona arte e o paradigma autobiográfico. A execução da pesquisa teve resultados escassos. Entretanto foi permitido defender que as narrativas autobiográficas no formato de HQ, podem fornecer uma hermenêutica de interação dialética autor-personagem-leitor, em potência metodológica.

¹ Psicólogo e pós-graduado em psicopatologia fenomenológica pela Santa Casa de São Paulo. Atualmente é professor-assistente da Universidade Paulista (UNIP), mestrando em educação pela UNICID e pós especializando pelo International MetaMasters in Phenomenology and Values-based Clinical Care. Possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: fenomenologia, saúde mental e educação. São Paulo/SP/Brasil. E-mail: adonis.psicologia.usm@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7236-7464>

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais - PPGE-GE, da Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Vice-Líder do Grupo de Estudos sobre Aprendizagem, Desenvolvimento Motor e Inclusão na Educação Básica/GEPADIEB, desenvolvendo pesquisas relacionadas aos temas: Jogos e Brincadeiras; Movimento Humano; Desenvolvimento Humano; Educação Infantil, Educação Básica, Educação Física Escolar e Práticas Educativas. São Paulo/SP/Brasil. E-mail: ida.martins@unicid.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7140-1598>

³ Membro da diretoria da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica (BIOgraph) desde sua fundação e Presidente do VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VIII CIPA), realizado em 2018. Líder do Grupo de Pesquisa, Narrativas, aprendizagens e formações (NARRAR, UNICID- CNPq). Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades (GRIFARS-UFRN-CNPq). Sócia da ANPED e parecerista do GT8- Formação de Professores. São Paulo/SP/Brasil. E-mail: ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1326-3075>

Recebido em: 20/06/2023

Aprovado em: 18/09/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica; história em quadrinhos; educação inclusiva; epistemologia.

Abstract: The (auto)biographical research in education has been supported epistemologically and methodologically, using secondary biographical materials, as the narratives are present in these materials in a transhistorical and transcultural way. Thus, comics (comics) configure this type of material in (auto)biographical research in education, when they reveal narratives of biographical subjects. In this context, a survey of research on inclusive education was carried out that made use of (auto)biography in comics, in the last five years (2017-2022), intending a brief epistemological dialogue between the ninth art and the autobiographical paradigm. The execution of the research had scarce results. However, it was allowed to defend that autobiographical narratives in comic book format can provide a hermeneutics of dialectical author-character-reader interaction, in methodological potency.

Keywords: (auto)biographical research; comic; inclusive education; epistemology.

Introdução

Os temas e roteiros das Histórias em Quadrinhos (HQs) abrangem um imensurável universo de possibilidades: tem-se desde críticas sociais vistas nos folhetins da Idade Média, discussões filosóficas em sagas dos super-heróis norte-americanos, até autobiografias. A discussão presente se voltará a abrangência epistemológica das HQs, enfatizando sua potencialidade na sustentação de teoria de conhecimento, sob a estruturação da pesquisa (auto)biográfica na educação, especificamente na educação inclusiva. A intenção da discussão é a abertura de uma possibilidade explorativa de um objeto de estudo que pode sustentar muitas frentes de pesquisas. O intuito desse artigo é a tentativa de trazer os holofotes à costura de um diálogo epistemológico. Para tanto, segue-se três etapas na discussão: a) uma síntese contextual da origem e evolução das HQs; b) um esboço da diáde epistemológica entre as HQs e a pesquisa (auto)biográfica, essa última tendo como égide o legado de Passeggi; e c) o levantamento literário dos últimos cinco anos de produções que trouxeram em sua temática as HQs autobiográficas e a educação inclusiva.

A história das histórias em quadrinhos

Questionar-se, quando surgiram as histórias em quadrinhos, de onde vieram, quando ganharam este nome e o formato conhecido hoje, são perguntas que exigem um grande esforço acadêmico para serem respondidas, pois adentra-se em muitos espaços da ciência: desde aspectos antropológicos, sociológicos, passando pela história da arte, tangenciando a filosofia,

e inclusive alcançando a economia. É nessa complexidade analítica que se encontra o universo dos quadrinhos (McCLOUD, 2005; GOMES, BARBOSA, SILVA, 2020).

O consenso dos estudiosos da área, classificam o que hoje considera-se a nona arte, como arte sequencial. Se houver adesão a essa resumida conceituação, pode-se considerar as pinturas rupestres, grafadas em cavernas e datadas do que costumeiramente se chama pré-história, como as primeiras artes sequenciais; igualmente considerados os registros grafados no antigo Egito (por volta de 1.300 a.C.), pela sociedade maia e asteca (descobertos no século XVI, mas datados de 1.049 a.C.), tal como as tapeçarias e vitrais da Idade Média, os folhetins do século XVIII, chegando as famosas “tirinhas” nos jornais impressos do século XIX (McCLOUD, 2005). Porém, nesse debruçar arqueológico sobre os quadrinhos, chega-se na seguinte definição: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequencia deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (McCLOUD, 2005, p.20). Esta definição expande-se para muitos formatos, mas comumente se identifica no que se nomeou comics, na comunidade internacional, designando qualquer formato de história em quadrinhos (CHINEN, 2020).

Inicialmente, por um longo período da história, as HQs foram consideradas uma literatura infanto-juvenil, de pouca elaboração e não considerada como arte (McCLOUD, 2005; FRONZA, 2018; GOMES, SILVA e BARBOSA, 2020; CHINEN, 2020; BANDEIRA e MONTITO, 2021), isso quando não reduzidas às publicações de tirinhas em jornais, por todo mapa mundial. Com o advento da globalização e o acesso rápido ao consumo de informações (BONDÍA, 2002), o contato com outros formatos dessa arte, como exemplo do mangá nipônico (CHINEN, 2020), fizeram forçosamente as grandes ciências aplicadas (Artes, Letras e Linguística, Estética e etc.), voltarem sua atenção a este objeto de estudo. Os desdobramentos da exploração da nona arte, trazem repercussões não apenas informativas, mas também culturais (McCLOUD, 2005), econômicas (CHINEN, 2020), e científicas (GOMES, SILVA e BARBOSA, 2020). E se discursa-se sobre a nona arte, não se deve desconsiderar o que disse Theodor W. Adorno (1982): a arte é o único agente de transformação social, possibilitando uma razão crítica, tendo como função educar (sendo a função da educação, não permitir que Auschwitz se repita); mesmo que ela tenha sido considerada como categoria no famoso Prêmio Jabuti, apenas em 2017 (CHINEN, 2020), ela não deixa de cumprir sua função educadora.

A ascensão da nona arte ocorreu na década de 1980, com produções que atravessaram paradigmas e levantaram uma égide de contracultura (ou o que se chamou de arte underground, no léxico norte-americano), com roteiros e artistas preocupados mais em expressar uma explosão subjetiva e dialética, ao invés de cumprir uma demanda mercadológica (McCLOUD, 2005; FRONZA, 2018; GOMES, SILVA e BARBOSA, 2020; CHINEN, 2020). Por mais que os formatos norte-americanos, ou o que se chamou de gibi no Brasil (CHINEN, 2020), já estivessem vogando desde a Segunda Guerra Mundial, a guinada subjetiva das HQs, em performance, formato e temas, se constituiu na penúltima década do século XX. Nomes como Neil Gaiman (Sandman), Frank Miller (Batman, o cavaleiro das trevas), Alan Moore (Watchman), assim como autores de HQs em temas jornalísticos, historiográficos, e biográficos, ergueram-se nessa época.

Outros marcos referenciais chegaram ao público e hoje são considerados clássicos da nona arte (se não da literatura também), como “Maus” de Art Spiegelman, primeira HQ ganhadora do Prêmio Pulitzer; “Fun Home: uma tragicomédia em família”, da artista Alison Bechdel, que teve sua obra eleita como “melhor livro” pela revista Time; e inclusive as novas gerações de quadrinhos da Turma da Mônica, com artes e roteiros de vários cartunistas (o termo vem de cartoon), sob supervisão de Maurício de Sousa.

A pesquisa (auto)biográfica e histórias em quadrinhos

A narrativa autobiográfica é método e objeto de estudo na área da educação em muitos escopos: como dispositivo de formação (JURION e ALVES, 2021); como percurso de formação estética de docentes (OSTETTO e BERNARDES, 2019); e como promoção de autoconhecimento e reflexão no processo de formação (CHAVES, MORI e SILVA, 2019). Todavia, nosso objetivo não se trata de uma proposta de adaptação ou interpelação teórica, mas de um diálogo epistemológico, sustentando-se no material narrativo das HQs, e no conhecimento que o paradigma narrativo-autobiográfico pode gerar. Em princípio, é necessário “desenhar” o contexto, e para isso, nos basearemos numa das principais referências teóricas nacional sobre abordagens narrativas: Maria da Conceição Passegi (2010, 2011, 2016, 2017, 2020, 2020, 2021), aproximando-se, consequentemente, os teóricos referenciados por ela.

Iniciando-se por um dos alicerces epistêmicos, Passegi (2011, 2020), referenda a quebra de dicotomias positivistas em processos interpretativos da experiência e o atribuir sentido à vida, sob chancela do filósofo Wilhelm Dilthey (1833-1911), fundador de uma epistemologia

compreensiva, não explicativa/interpretativa, das ciências humanas, seguindo uma proposta hermenêutica em que se preza o relacionamento no conjunto “a vida, a experiência vivida e a ciência” (DILTHEY, 2010, apud PASSEGGI, 2020, p. 60). Assim, é possível sustentar que “experiência vivida e narrada torna-se pois a matéria prima, a fonte de investigação nas Ciências Humanas” (PASSEGGI, 2020, p.59), obliterando a noção de que conhecimento é gerado apenas baseado em evidências mensuráveis e classificatórias. É nesse primeiro argumento que conseguimos considerar que as HQs autobiográficas, além de obras de artes, são fontes narrativas empíricas, passíveis de uma investigação hermenêutica.

No intuito dessa proposta não soar um Leito de Procusto, em levantamento anterior (TOMÉ, 2022), obteve-se de Ferrarotti (1979), outro autor também citado por Passeggi (2010, 2016, 2020, 2020), a conceituação de materiais biográficos secundários, tal qual “correspondência, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, processo verbais, recortes de jornal, etc.” (FERRAROTTI, 1979, p.40, apud TOMÉ, 2022, p.70). Conjura-se as HQs como esta tipologia de material de pesquisa, sustentando-se por narrativas autobiográficas dos autores daquelas. Ainda no levantamento anterior, foi possível se deparar com seis artigos (FRONZA, 2016, 2018; ABREU, et. al, 2018; CARVALHO, SANTOS E SANTOS, 2019; BRANDÃO, 2021; ROCHA, 2021) e uma tese de doutoramento (BARROS NETO, 2020), que utilizaram-se de HQs em pesquisa (auto)biográfica em educação. A análise dessas produções permitiu a concatenação do argumento de Ferrarotti (1979), refletindo que as narrativas autobiográficas nas HQs, expressando um ato individual, podem fornecer uma “hermenêutica de uma interação” (FERRAROTTI, 1979, p.44, apud TOMÉ, 2022, p.70), o que possibilita partir da leitura do individual à uma compreensão do social.

Desvela-se aqui não uma guinada teórica, técnica ou de objeto de estudo, mas a proposta de um novo paradigma epistemológico: o paradigma narrativo-autobiográfico; esse permite a movimentação da pesquisa no rastreo de “instrumentos heurísticos e hermenêuticos para melhor compreender o humano e sua ação no mundo” (PASSEGGI, 2020; p.72). Ora, se estamos falando de uma arte gráfica sequencial datada do início da história da humanidade, reafirmamos o que Passeggi viu em Delory-Momberger, e Alheit e Dausein: a “capacidade antropológica de biografização” (PASSEGGI e SOUZA, 2016, p.9); ou seja, é nos registros autobiográficos das HQs que será viável uma abertura de possibilidade hermenêutica, a possibilidade de uma compreensão de subjetividade histórico-social constituinte de muitas realidades além das páginas dos quadrinhos. Objetivamos assim a “democratização da postura

hermenêutica” (BORDIEU, 2003, p.712, apud PASSEGGI, NASCIMENTO E RODRIGUES, 2018, p.157).

Destarte, na “especificidade epistemológica das narrativas de si” (PASSEGGI, 2016, p.70), defende-se a proposta da aproximação do sujeito biográfico (os autores), do sujeito epistêmico (os leitores), num movimento dialético rumo à compreensão das experiências vividas de ambos. Ademais, Passeggi (2016), baseia-se em Josso (2010) para explicitar um alargamento do horizonte biográfico, ao se fundamentar no paradigma narrativo-autobiográfico na formação do sujeito; em outras palavras, o educador “como ser aprendente é capaz de compreender a historicidade de suas aprendizagens” (PASSEGGI, 2016, p.75), e as HQs podem fazer parte dessa movimentação histórica, constituindo a aprendizagem biográfica na formação dos educadores, conforme Alheit e Dausien (apud PASSEGGI, 2016, p.76). Sintetizando: “autobiografias podem ser compreendidas como textos que permitem várias possibilidades de formação” (PASSEGGI e LIRA, 2021, p.8).

Sumariamente, a inclinação de pesquisas com as narrativas autobiográficas, direcionam-se como ação educativa, por excelência, legitimando uma leitura social frente uma única biografia, considerando a narrativa como fenômeno antropológico (PASSEGGI, 2010). Admitindo-se as HQs como autobiografias literárias, vão permitir “identificar exemplos das experiências complexas e integradoras de aprendizagens” (PASSEGGI e LIRA, 2021, p.12), compreendendo-se que “as experiências com os outros são fundantes na tarefa de construir as próprias experiências” (PASSEGGI e LIRA, 2021, p.12), permitindo que o acesso às HQs autobiográficas, com o tema em discussão, seja a abertura para um atribuir de sentido e significado ao fenômeno estudado.

Método

Realizou-se o levantamento de pesquisas nacionais em educação que se valeram da (auto)biografia em histórias em quadrinhos em educação inclusiva, nos últimos cinco anos (2017-2022), intencionando uma breve reflexão de como e o quanto se tem explorado a nona arte neste âmbito acadêmico. A execução da pesquisa teve resultados escassos: na Scientific Eletronic Library Online (SciELO), não foi encontrada nenhuma pesquisa no período em tela; no software Publish or Perish, usando do banco de dados do Scholar Google, foram encontrados apenas um trabalho de conclusão de curso e dois artigos, relacionados ao tema supracitado.

Entretanto, ao suprimir o descritor “educação inclusiva”, foi possível encontrar outras produções que tratam do paradigma narrativo autobiográfico e HQs.

Para discussão, optou-se adotar o método fenomenológico para conduzir esta pesquisa, partindo da perspectiva de “*descrever* fenômenos e não de *explicá-los*, não se preocupando em buscar relações causais” (FINI, 1994, p.24), mantendo-se o rigor científico para se chegar a essência do fenômeno, através desta descrição.

Resultados e discussão

Apesar da complexidade e variedade das discussões em torno do gênero autobiográfico, da pesquisa (auto)biográfica, juntamente com o universo dos quadrinhos, encontrou-se apenas três produções que estão intimamente ligadas com a proposta presente (histórias em quadrinhos, educação inclusiva e (auto)biografia): um trabalho de conclusão de curso (SILVA, 2018), e dois artigos (DALMASO, 2018; FRONZA, 2018); porém, vale salientar produções como a de Sampaio (2013), que interpreta as HQs autobiográficas como “uma confissão em forma narrativa e pictórica” (SAMPAIO, 2013, p.31), e Lucas e Celestino (2015), que constatarem as possibilidades diferentes do uso de focos narrativo e perceptivo.

Preambularmente, Silva (2018) defende a autobiografia em quadrinhos como fonte de informação, tangenciando aspectos sociológicos e simbólicos; já Dalmaso (2018) discorre sobre quadrinhos autobiográficos corpo(rificados), voltando-se para a discussão do gênero autobiográfico e representações de deficiência, relatando que “a deficiência aparece não somente na narrativa escrita (...), mas também através da tensão texto/imagem” (DALMASO, 2018, p.16), e reforçando a característica dupla do discurso na narrativa, por meio dessa tensão característica nas HQs. E por último, Fronza (2018), ao redigir sobre a cultura histórica como possibilidade investigativa a partir de HQs (auto)biográficas com personagens históricos da América Latina, explicita o tomar de conhecimento de jovens a partir de HQs (auto)biográficas, afirmando que esse gênero nas HQs “é fundamental para a compreensão da imagem pública dos sujeitos” (FRONZA, 2018, p.68). Essas produções materializam o diálogo epistemológico percorrido até aqui, e é nessa fundamentação que seguiremos na continuação de um diálogo epistemológico.

O motivo que sustenta o uso de quadrinhos em problemas de pesquisas em educação inclusiva, valida-se por intermédio de algumas das pesquisas que já indicaram os temas deficiência, educação inclusiva, e (auto)biografia com esses últimos. Além de Dalmaso (2018),

abordando o gênero autobiográfico em HQs que relatam experiências de pessoas com deficiência; Guedes (2020), relata o uso de HQs como instrumento pedagógico na Educação Especial, e contextualiza que “trabalhar com a inclusão por meio dos quadrinhos é uma das diversas possibilidades que esse gênero tem a corroborar, com a valorização de situações do cotidiano e da vivência das crianças e adultos” (GUEDES, 2020, p. 134); também Giesta (2021), descreveu o papel das HQs na educação inclusiva com alunos autistas; e Bandeira e Montoito (2021), analisaram as narrativas de HQs que trazem como tema o TEA, e concluíram que as HQs “parecem cumprir um papel social, visando à divulgação e integração dessas pessoas na sociedade (...) o que poderia igualmente ser interessante para familiares e professores com pouco conhecimento sobre o tema.” (BANDEIRA e MONTITO, 2021, p. 536). Para regozijo nacional, nessas pesquisas são citados como exemplo ímpar “a inclusão de personagens com deficiência” (GUEDES, 2020, p. 142), nas histórias da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa: como Dorinha, primeira deficiente visual do autor, numa homenagem a Dorina Nowil; Humberto, personagem surdo; Luca, personagem cadeirante; Tati, personagem portadora da Síndrome de Down, homenagem à Tathiana Piancastelli; e André, personagem dentro do espectro autista.

Ainda no paradigma narrativo autobiográfico, Brandão (2021, p.31) destaca a importância da nona arte, em formato autobiográfico, “como corpus de pesquisa privilegiado para se refletir a respeito da condição humana”. Essa consideração é congruente com a argumentação sociológica de Franco Ferrarotti (1979, 2014), permitindo defender que as narrativas no formato de HQ, como expressão de um ato individual, poderão fornecer uma “hermenêutica de uma interação” (p.44), possibilitando partir de uma leitura do individual, uma compreensão do social. Em paralelo, Rocha (2021, p.07), analisa o papel social das HQs que narram “lutas minoritárias, nas singularidades do indivíduo e em suas experiências diárias.”, que abarcam reflexões e críticas sociais, dando espaço aos silenciados socialmente. Essas produções evocam o aspecto epistemológico existente na fusão da arte sequencial e do paradigma narrativo autobiográfico, validando a proposta hermenêutica na experiência desse modo de pesquisa.

Conclusões

O desafio de erigir a proposta de uma guilda epistemológica foi apenas iniciada, com cautela para que não se generalizasse concepções e nem se reduzisse definições, mas que pudesse abrir uma possibilidade metodológica. Como descrito anteriormente, não trata-se da

tentativa de uma leitura apriorística e/ou de uma interpretação originária de pressupostos conceituais; mas de um lançar-se à experiência na sustentação de dois alicerces epistemológicos.

A discussão proposta realizou a possível compreensão de que ambos paradigmas, o da narrativa autobiográfica e o das HQs, não são meras informações a serem consumidas desdobrando-se em opiniões a partir de sua obtenção literária, mas sim experiências alcançadas pelo atravessamento ressonante das vivências expressas (BONDÍA, 2002), em sua fusão. A HQ autobiográfica transpassa seu leitor afetivamente, experiencialmente e, porque não, existencialmente; desvelando em sua trajetória dialética a possibilidade de perceber-se não como parte da experiência da leitura, mas a própria experiência constituída em si, na relação com esta obra, enquanto expressão de modo de existência de um semelhante (MERLEAU-PONTY, 2006).

Referenciando Hipócrates, por mais que saibamos que *vita brevis, ars longa*, o intuito desenvolvido até aqui não é o de concluir a discussão, ou finalizar categoricamente a constatação do óbvio: seja por nos deparar com a escassez de pesquisas voltadas para a fusão desses paradigmas em prol às produções científicas em Educação, seja por apontar a imensidão possível de temas e problemas de pesquisa a serem investigados por ambas bases epistemológicas apresentadas. Doravante, partilhou-se nessa discussão o convite a se “desenhar” novas estratificações, ou seja, dispor novas camadas da pesquisa (auto) biográfica em educação com HQs, de modo a constituir uma possível metodologia de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Samara Moura Barreto de; et. al. Narrativas em quadrinhos: significações do vivido no projeto de extensão práticas corporais inclusivas. In: **Expressões da extensão**. Canindé, IFC. 2018 p.11-16
- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BANDEIRA, R. de M.; MONTTOITO, R. Histórias em quadrinhos e o transtorno do espectro autista: pontos sensíveis para uma análise das narrativas. **Cine-Fórum UEMS**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2021. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/cineforumuems/article/view/7601>. Acesso em: 12 maio. 2022.

BARROS NETO, Antonio do Rêgo. **A Escrita-de-Si em história em quadrinhos**. Brasília: Instituto de Letras/UnB, 2020. 123p.(Tese, doutorado em Literatura).

CARVALHO, Rosângela Tenório; SANTOS, Gabrielle Tavares dos; SANTOS, Wanderson Cruz dos. Novela gráfica e diferença cultural. In: **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v.11, n.23, p.13-27, 2019.

CHAVES, I. M. . A.; MORI, M.; SILVA, G. O. da. Narrativas de jovens estudantes universitários: imagens e simbolismos. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 241–262, 2019. DOI: 10.26843/v12.n2.2019.745.p241-262. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/745>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CHINEN, Nobu. **Graphic Novel: conceitos básicos**. São Paulo: Criativo, 2020. 119 p.

DALMASO, R. L. “Quadrinhos autobiográficos corpo(rificados)”: considerações sobre o gênero autobiografia em quadrinhos e representações de deficiência. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 27, n. 46, p. 15–27, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/19628>. Acesso em: 5 dez. 2022.

FAGUNDES, Natascha da Costa. **As histórias em quadrinho no processo de ensino-aprendizagem**. Goiânia: Faculdade de Informação e Comunicação/UFG, 2018. 37p. (Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em Biblioteconomia).

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico**, 2ª. ed. Natal: Edufrn, 2014

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha. **Pesquisa qualitativa em educação**. Pricacicaba: Editora UNIMEP, 1994. 233p.

FRONZA, Marcelo. As possibilidades investigativas da aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos. **Educar em Revista**, Curitiba, n.60, p. 43-72, 2016.

FRONZA, Marcelo. A cultura histórica como possibilidade investigativa a partir de histórias em quadrinhos (auto)biográficas com personagens históricos latino-americanos. **História Revista**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 68–96, 2018. DOI: 10.5216/hr.v23i2.52856. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/52856>. Acesso em: 5 dez. 2022.

GIESTA, G. V. . **Reflexões sobre Educação Especial e Inclusiva: das condições estruturais ao papel das Histórias em Quadrinhos no ensino para estudantes dentro do espectro autista**. 9ª **Arte** (São Paulo), [S. l.], v. 9, n. 2, p. 122-139, 2021. DOI: 10.11606/2316-9877.2021.v9i2.187767. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/187767>. Acesso em: 12 maio. 2022.

GOMES, Nataniel dos Santos; SILVA, Dagmar Vieira Nogueira; BARBOSA, Vanderlis Legramante. **De Platão a Stan Lee: a nona arte como instrument de reflexão**. GOMES, Nataniel dos Santos; SILVA, Dagmar Vieira Nogueira; BARBOSA, Vanderlis Legramante. **Isto é um trabalho para... Os quadrinhos: reflexões por trás dos balões**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. p.20-55

GUEDES, Laís Marlene de Araújo. **Quadrinhos como instrument pedagógico na educação especial.** In: GOMES, Nataniel dos Santos; SILVA, Dagmar Vieira Nogueira; BARBOSA, Vanderlis Legramante. **Isto é um trabalho para... Os quadrinhos:** reflexões por trás dos balões. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. p.132-155

JURION, A.-S.; ALOISIO ALVES, C. **Entre a dimensão formal e informal do aprendizado:** a escrita de si como dispositivo de formação no contexto universitário. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 731-744, 2021. DOI: 10.26843/v14.n3.2021.1121.p731-744. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/1121>. Acesso em: 2 abr. 2023.

LUCAS, R. J. DE L.; CELESTINO, J. B. Quadrinhos autobiográficos: diferenças de gêneros e as apresentações de si. Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 7, n. 2, p. 311-332, 6 mar. 2015.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** São Paulo: M.Books, 2005. 217 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2006. 555p.

OSTETTO, L. E.; BERNARDES, R. K. **Infâncias em diários de formação estética:** narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-180, 2019. DOI: 10.26843/v12.n2.2019.710.p164-180. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/710>. Acesso em: 2 abr. 2023.

PASSEGGI, Maria (2010) **Narrar é humano. Autobiografar é um processo civilizatório.** In: PASSEGGI, M.; SILVA, Vivian (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** Educação, Porto Alegre, v.34, n.2, p.147-156, maio/ago 2011

PASSEGGI, M.C. (2016) Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>

PASSEGGI, M. y SOUZA, E. C. (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26. Disponível em: <https://www.investigacioncualitativa.com/index.php/revista/article/download/46/27>

PASSEGGI, M. (2020). Reflexividad narrativa: "vida, experiencia vivida y ciencia"; Márgenes **Revista de educación de la Universidad de Málaga**, 1(3), 91-109. <https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.9504>

ROCHA, Cláudio Aleixo. Histórias em quadrinhos, estudo culturais e o design social: narrativas de resistência. In: **Educação Gráfica.** Bauru. V.25, nº3. 2021. p.7-24

SAMPAIO, Lucas Marques. **A narrativa da confissão:** Uma análise dos quadrinhos Autobiográficos. Brasília: IdA/UnB, 2013. 82f. (Trabalho de Conclusão de Curso, graduação em Artes Visuais).

Silva, Marcus Vinicius Barros Rebello da. **Autobiografia em quadrinhos como fonte de informação.** 2018. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2018.

TOMÉ, Adonis da Silva. Pesquisa (auto)biográfica em educação com HQs: levantamento bibliográfico dos últimos cinco anos. In: Congresso Internacional Movimentos Docentes, 2022, on-line. **Caderno de Resumos do Congresso Internacional Movimentos Docentes e Colóquio FORPIBID RP – 2022.** Diadema: V&V Editora, 2022. p. 70

VERGUEIRO, W. Nas trilhas da graphic novel. **9ª Arte** (São Paulo), [S. l.], v. 9, n. 1, p. 150-154, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9877.v9i1p150-154. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/179931>. Acesso em: 5 dez. 2022.